

BREVES MEMÓRIAS

Paulo Frassinetti de Oliveira

Outubro - 2010

Natal-RN

BREVES MEMÓRIAS

PAULO FRASSINETTI DE OLIVEIRA

**-“...quando se pode contemplar a verdade,
por quais motivos haveremos de nos preocupar
com o que dizem os homens?” - SÓCRATES**

Nasci em Natal, em uma casa da Rua Santo Antonio, na Cidade Alta, no dia 15 de fevereiro de 1937. Meus pais, Olegário de Oliveira Junior, jornalista e Maria Iracy Queiroz de Oliveira, costureira - à memória dos quais dedico toda a minha veneração -,no ano seguinte mudaram-se para a cidade de Ceará-Mirim, terra de minha saudosa mãe, ali permanecendo até o ano de 1944, quando voltaram a residir em Natal, onde conclui o curso primário, hoje ensino fundamental no Grupo Escolar “Frei



Miguelinho”, no bairro do Alecrim, atualmente Escola Estadual “Padre Miguelinho”. Logo depois prestei exame de admissão, e fui aprovado, ao então curso ginásial, no velho Atheneu, situado na Rua Junqueira Ayres, que em 1954 transferiu-se para o prédio do Instituto de Educação, em Petrópolis., onde ainda hoje funciona, concluindo ali o curso básico.

Nesse mesmo ano de 1954, meu pai, que era Secretário do periódico *Jornal de Natal*, o qual depois passou a chamar-se *Folha da Tarde*, levou-me para ali trabalhar, no início como revisor de texto, e posteriormente como redator, onde permaneci até o ano de 1959. Foi uma grande escola e que muito contribuiu para minha formação humanística. Lá convivi com figuras notáveis como o cronista e pintor Newton Navarro, poeta Jaime dos Guimarães Wanderley e jornalista Leonardo Bezerra.

MOVIMENTO ESTUDANTIL

Minhas atividades politico-estudantis tiveram início em 1955, no Atheneu Norteriograndense, quando fui eleito Vice-Presidente do “Diretório Celestino Pimentel”, ao lado de Benivaldo Azevedo, Presidente. Foi uma campanha memorável que mobilizou todo o corpo discente da instituição. O adversário era Adriel de Souza Lima, jovem de inatacável integridade moral.

Começava um longo período de lutas que culminou com a minha prisão no mês de abril de 1964., onde permaneci durante 09 (nove) meses e 15 (quinze) dias nos cárceres da repressão militar.

Concluído o curso clássico, atualmente ensino médio, no ano de 1958, logo após, no início de 1959, fiz exame vestibular na velha Faculdade de Direito da Ribeira, sendo aprovado, iniciando naquele mesmo ano o curso jurídico.

Em 1960, juntamente com um grupo de pessoas de Natal, à frente o então Deputado Estadual Luiz Maranhão Filho, como convidados do governo de Cuba, viajei àquela ilha do Caribe para assistir às festividades de aniversário da revolução cubana, ali permanecendo por 27 dias. Luiz Maranhão, era uma figura singular pelo seu caráter íntegro, homem inatacável, puro de idéias e de coração. Não por acaso, a escritora Heloneida Studart dedicou bela obra em sua



homenagem, intitulada **Luiz, o Santo Ateu**. Esse grande homem foi trucidado pelos agentes da ditadura militar, no ano de 1974, não tendo até hoje sido localizado o seu corpo. Testemunhas do fato registraram que foi torturado até à morte no DOI-CODI paulista.

Em junho de 1961, no XXIV Congresso Nacional de Estudantes, realizado em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, fui eleito Secretário da UNE (União Nacional dos Estudantes), entidade máxima dos universitários brasileiros, passando, por força estatutária, a residir no Rio de Janeiro, sede do órgão, na Praia do Flamengo, nº 132. Foi a vitória da chapa encabeçada pelo estudante Aldo da Silva Arantes, do Estado de Goiás.

Pouco antes, nosso grupo havia saído vitorioso no pleito do “Diretório Acadêmico Amaro Cavalcanti”, da Faculdade de Direito de Natal, com a eleição do colega José Wellington Arcoverde Pinto, numa campanha agitadíssima em que saiu derrotado o colega Diógenes da Cunha Lima Filho.

O Presidente da UEE (União Estadual dos Estudantes) era o universitário Ives Lourenço Gonçalves Bezerra, que na época promoveu em Natal, com grande êxito, o IV CLAE (IV Congresso Latino Americano de Estudantes).

Nesse mesmo ano, a UNE liderou uma greve nacional, que ficou conhecida como “Greve do 1/3”, reivindicando o aumento do número de representantes dos alunos nos Conselhos Universitários. Na oportunidade foi fundado o Centro Popular de Cultura –CPC, integrado por intelectuais, atores teatrais, cantores e líderes estudantis. Dele participaram figuras notáveis, em início de carreira, como Cacá Diegues, Nara Leão, Oduvaldo Viana Filho e Betinho. Juntamente com diretores da entidade universitária, formou-se uma caravana denominada “UNE-Volante”, que percorreu todo o país, com apresentações de peças teatrais pelo CPC, palestras, filmes e shows, tendo como bandeira a luta pelo aumento da participação discente nos Conselhos das Universidades brasileiras.

Na UNE não demorou muito para que enfrentasse a primeira “prova de fogo” como um dos seus dirigentes. Com a renúncia do Presidente Janio Quadros, saímos às pressas em uma madrugada fria, eu, e mais três diretores, indo nos refugiar por alguns dias na residência de um colega carioca no bairro do Botafogo, de onde posteriormente fomos, eu e o Vice-Presidente Roberto Átila do Amaral Vieira, do Ceará (a UNE contava com quatro Vice-Presidentes), para a cidade de Goiânia, ficando hospedados na residência do pai do presidente Aldo Arantes.



O Brasil começava a enfrentar uma crise de grandes proporções, pois os militares não queriam permitir que o Vice-Presidente João Belchior Marques Goulart, que se encontrava na China em missão oficial, assumisse a chefia do governo.

Os diretores da UNE foram deslocados para várias partes do Brasil com o objetivo de apoiar a luta que se iniciava no Rio Grande do Sul, para onde Aldo Arantes viajara, tendo à frente o Governador do Estado, Leonel Brizola, que instalou no Estado o “QG da Legalidade”, objetivando assegurar a posse do Vice-Presidente legitimamente eleito pelo povo.

Foi então proposto que se fizesse uma reforma na Constituição Federal, para mudança do sistema Presidencialista para o Parlamentarista. Aprovada a Emenda Constitucional nesse sentido e instituído no país o Parlamentarismo, foi escolhido Primeiro Ministro (Chefe do Governo) o Deputado Federal do Partido Trabalhista Brasileiro, gaúcho Brochado da Rocha, com a assunção de João Goulart na Presidência da República (Chefe da Nação).

Voltei então para a UNE. Mas a tranquilidade durou pouco. Certa madrugada fomos, nós diretores (morávamos lá), surpreendidos com o barulho de tiros de metralhadoras (os alojamentos situavam-se nos fundos do prédio), e ao levantarmos pela manhã verificamos que os disparos haviam sido feitos contra nossa sede, que na oportunidade foi pichada com os dizeres “Casa dos Lacaios de Moscou – MAC (Movimento Anti-Comunista)”.

O Governador do Rio, na época era o neofascista Carlos Lacerda, que sempre perseguiu os estudantes progressistas e suas entidades de classe. E com o seu radicalismo patrocinou um ato por todos os motivos revoltante. Determinou, certo dia, à Polícia Militar, que cercasse o prédio da UNE e prendesse os seus diretores. Imediatamente o Presidente Aldo Arantes comunicou por telefone o fato à Presidência da República, que numa ato corajoso, através do Almirante Cândido Aragão, Comandante Naval do Rio de Janeiro, fez deslocar para a Praia do Flamengo, uma tropa de fuzileiros, a qual, de maneira rápida e eficiente, cercou os policiais, determinando o desbloqueio do local, o que foi atendido pelo comandante da operação.

De outra feita, em mais uma tentativa de atemorizar os dirigentes da entidade, o Coronel Ardovino, Chefe de Polícia do Rio, famoso pelas suas arbitrariedades, entrou na sede da UNE, apossou-se do Gabinete da Presidência e chamou seus diretores presentes para uma conversa com o objetivo de desocupação do imóvel. Novamente o despotismo foi desmoralizado, pois tomando conhecimento do fato através de uma ligação telefônica do Presidente Aldo Arantes, o então

Deputado Federal Tenório Cavalcanti, por telefone, protestou contra aquele ato insano e ameaçou ir pessoalmente à UNE. Lembro que a autoridade policial, já no final do diálogo, (que tudo indica foi muito áspero por parte do Deputado), apresentando grande nervosismo, chegando mesmo a tremer os lábios e as mãos, comunicou ao Deputado que iria sair dali imediatamente. o que realmente ocorreu, pedindo desculpas aos estudantes presentes.

Em julho de 1962, encerrando o mandato da Diretoria, foi promovido no Hotel Quitandinha, no Estado do Rio, o XXV Congresso Nacional dos Estudantes, comemorativo dos 25 anos de fundação da UNE. Em seguida, eu e mais 3 (três) diretores que comigo acabavam de deixar os cargos, Frederico Brandão, do Estado do Maranhão, Irajá Caetano, de Goiás e Adalberto Pinto, de Sergipe, viajamos para Helsink, Capital da Finlândia, onde representamos o Brasil no *Encontro Internacional da Juventude pela Paz e Amizade entre os Povos*. De lá fomos à então Tchecoslováquia, Itália e Rússia.

Regressando à Natal em agosto do mesmo ano (1962), reiniciei os estudos, colando grau em 07 de março de 1964, turma de 1963, integrando a “Turma da Paz” que teve como patronos o Presidente John Kennedy, dos Estados Unidos, Nikita Krushev, Primeiro Ministro da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e o Papa João XXIII.

Concluía-se aí minha participação no movimento estudantil.

GOLPE MILITAR DE 1964

Logo que retornei à Natal fui convidado pelo Vice-Prefeito Luiz Gonzaga dos Santos, que pela Lei Orgânica dos Municípios (atualmente Lei Orgânica do Município de Natal) era o Presidente da Câmara Municipal, para ocupar a chefia de seu Gabinete. Havia participado ativamente da campanha que elegeu a chapa encabeçada por Djalma Maranhão (Djalma e Luiz Gonzaga), de perfil socialista. Aceitei o convite.

Veio o golpe militar de 31 de Março de 1964, quando foram depostos e presos Djalma Maranhão e Luiz Gonzaga.

Nesse mesmo dia, Djalma Maranhão instalou no Salão Nobre da Prefeitura o “QG da Legalidade”, reunindo líderes políticos, sindicais e estudantis em apoio ao movimento idêntico promovido pelo Governador Leonel Brizola em Porto Alegre, em defesa da democracia.



Logo depois, em 1º de abril, Djalma Maranhão foi preso e deposto. Era o início de um longo período de despotismo que assolou país.

Poucos metros adiante, no Palácio do Governo, o Sr. Aluizio Alves, reunia o seu secretariado e correligionários políticos em apoio ao golpe, emitindo, nesse sentido, uma Nota Oficial

No dia 13 de abril fui preso em minha residência e conduzido para o Quartel do 16º Regimento de Infantaria (Exercito) em Natal, ali permanecendo por 3 (três) meses, transferindo-me depois para o Quartel da Policia, onde fiquei mais 3 (três) meses, sendo posteriormente conduzindo para o Quartel do Regimento de Obuses (Exercito), de onde após mais de 3(meses) fui liberado no dia 25 de janeiro de 1965, por força de habeas-corporus concedido pelo Superior Tribunal Militar, ficando, no entanto, com a obrigação de me apresentar semanalmente ao Quartel General do Exercito, tendo Natal como *menagem*, o que significava dizer que estava impossibilitado de me ausentar da cidade. Nessa situação permaneci mais de um ano, quando fui liberado também por determinação da justiça militar. Nove meses e quinze dias de cárcere, sem direito, sequer, de ler um jornal.

O mesmo ocorreu com meu irmão Guaracy Queiroz de Oliveira, que era Consultor Jurídico da Câmara Municipal de Natal.

Entre os "colegas" de prisão estavam o Prefeito Djalma Maranhão, Vice-Prefeito Luiz Gonzaga dos Santos, Diretor Geral dos Correios e Telégrafos Luiz Gonzaga de Souza, jornalista Raimundo Ubirajara de Macedo, editor Carlos Lima, advogado Geraldo Pereira de Paula, Deputado Estadual Floriano Bezerra e advogado Helio Vasconcelos Em outras dependências militares ficaram recolhidos Luiz Maranhão Filho, Moacyr de Góes, Omar Pimenta, professora Mailde Pinto, médica Maria Lali Carneiro, advogadas Berenice de Freitas e Tereza de Brito Braga e tantas outras figuras de largo conceito em nossa terra.

Quanto sofrimento no cárcere! Desde ameaças de tortura até humilhação, inclusive sofrida pela minha mãe em dias de visitas no Quartel do 16º Regimento de Infantaria! Quando recordo o que ela passou sinto dentro do peito um misto de tristeza e revolta!

Ainda preso, fui demitido no dia 9 de outubro de 1964 do cargo efetivo que exercia na Prefeitura de Natal, pelo então Governador Aluizio Alves. Por oportuno esclarecer que o Ato Institucional nº.01, do governo militar, outorgava poderes aos governadores para demitirem funcionários das prefeituras até o dia 9 de outubro daquele ano, desde que provadas atividades "subversivas" por parte do servidor, apuradas por comissão especial constituída para esse fim. No meu caso, fui demitido antes mesmo de ser ouvido por essa comissão, porque o Governador Aluisio Alves só dispunha, até aquela



data, de poderes para tal procedimento. Quanto absurdo ! Referido Governador usou desse expediente contra todas as pessoas ligadas politicamente ao Prefeito Djalma Maranhão, numa tentativa de ser poupado pelo novo regime, o que não conseguiu porquanto posteriormente foi cassado. Cassado, mas não por subversão...

No mês de outubro de 1966 casei-me com a colega de turma Eliane Amorim das Virgens, que na época era Juíza de Direito da Comarca de Serra Negra do Norte, tendo falecido em 15 de janeiro de 1998, no pleno exercício da mais alta magistratura do Estado. Ocupava, como Desembargadora, o cargo de Corregedora Geral de Justiça do Rio Grande do Norte.

Em 1971, por força de decisão judicial, reintegrei-me no meu cargo, aposentado-me em junho de 1989 como Procurador de carreira do Município de Natal. Nesse mesmo ano, por ocasião da realização em Natal do Encontro Nacional de Procuradores Municipais fui escolhido Vice-Presidente do *Instituto Brasileiro de Direito Municipal* – IBDM, entidade representativa dos Procuradores das Prefeituras de todo o país, ao lado de Humberto Pego Marques, da Prefeitura de São Bernardo do Campo-SP.

Neste ano de 2010 fui declarado Anistiado Político pela *Comissão Nacional de Anistia do Ministério da Justiça*.

EXERCICIO DA ADVOCACIA

Ao sair da prisão tive que recomeçar a vida, integrando-me ao escritório de advocacia do meu irmão Guaracy. Mais dificuldades a esperar por mim. Recém formado, enfrentei a rejeição daqueles que ainda temiam a fúria ensandecida do regime ditatorial. Quem procuraria um advogado “subversivo” ? Só à custa de muito sacrifício e lutas e graças ao meu modo ético de proceder, consegui um lugar ao sol no meio forense.

Exerci, além da advocacia, o cargo de Procurador Geral do Município de Natal, onde soube desempenhar com dignidade a minha missão.

Por duas vezes consecutivas tive a honra de integrar o Conselho Secional da OAB-RN e também por duas vezes uma cadeira no Conselho Federal do meu órgão de classe. E como representante dos advogados norte-riograndenses fui privilegiado com o elevado mister de



Juiz do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Norte, por dois mandatos.

Hoje, apesar de cansado das lides advocatícias ainda exerço a profissão ao lado do meu irmão Guaracy Queiroz de Oliveira, e meus sobrinhos Waldenir Xavier de Oliveira e Weber Xavier de Oliveira.

*Ao encerrar estas breves anotações não posso deixar de homenagear com um preito de saudade minha falecida esposa **Eliane Amorim das Virgens de Oliveira**, e com muito carinho meus filhos **Paulo Frassinetti de Oliveira Junior**, **Pauliane das Virgens de Oliveira** e **Paulo Frederico das Virgens de Oliveira**, meus queridos netos **Gabriel**, **João** e **Maria Paula**, e minha companheira **Maria da Conceição Rocha de Medeiros**.*

*Em momento algum deste sucinto relato pretendi fazer qualquer exaltação à minha pessoa, mas, sim, descrever passagens de minha vida que entendi deversem ser do conhecimento daqueles que tenho o privilégio de tê-los junto ao meu coração. Como ensinou **Emmanuel**,*

-“ atitude sumamente perigosa louvar o homem a si mesmo, presumindo desconhecer que se encontra em plano de serviço árduo, dentro do qual lhe compete emitir diariamente testemunhos difíceis...” –
(**Pão Nosso**, psicografia de Francisco Cândido Xavier)

Natal/outubro/2010


PAULO FRASSINETTI DE OLIVEIRA